



EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE NA REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE PORTO NACIONAL-TO

Edmilson Andrade Reis¹
Marciléia de Oliveira Bispo²

Resumo

Este trabalho surgiu a partir da realização de oficinas sobre sexualidade na Escola Família Agrícola (EFA) de Porto Nacional - TO, com o objetivo de conhecer a representação dos alunos sobre sexualidade. Como metodologia optou pela técnica do desenho livre sobre o tema e a apresentação individual desses desenhos, que foram analisados com base nos saberes e representações sobre sexualidade, corpo humano e infecções transmitidas sexualmente. Os resultados apontam que as sexualidades representadas nos desenhos possuem caráter de ato sexual e as representações dos órgãos genitais tornaram-se oposto aos gêneros, os órgãos genitais aparecem como representação do corpo humano e as infecções transmitidas sexualmente corresponderam quase que por unanimidade o órgão genital masculino.

Palavras-chave: Educação sexual. Sexualidade. Corpo. Representação.

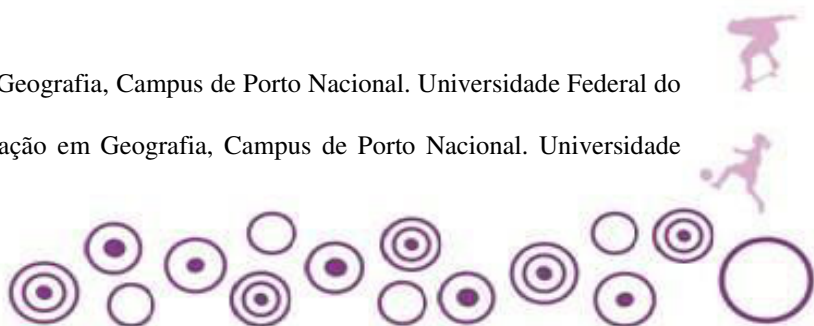
Introdução


A Escola Família Agrícola de Porto Nacional se constitui na proposta de educação do campo que considera a bagagem cultural dos povos camponeses, aproveitando e valorizando os seus saberes. Chegou ao Brasil em 1969 e atualmente está em funcionamento em 18 estados, com um número de 122 escolas, sendo quatro destas no Estado do Tocantins e uma, nosso objeto, em Porto Nacional, Tocantins.

A Pedagogia da Alternância, proposta adotada pelas EFAs, consiste na formação de jovens em diferentes tempos (família e escola) e espaços (família, comunidade, escola). Um dos muitos instrumentos utilizados na Pedagogia da Alternância é a Intervenção externa, e foi uma destas intervenções, que gerou a oficina pedagógica sobre sexualidade, onde os alunos realizaram desenhos individuais e livres sobre sexualidade.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Campus de Porto Nacional. Universidade Federal do Tocantins. paulista.to@hotmail.com

² Professora Doutora da graduação e Pós-graduação em Geografia, Campus de Porto Nacional. Universidade Federal do Tocantins. marcileia@uft.edu.br





Este trabalho nasceu da necessidade de se analisar os 125 desenhos realizados pelos alunos participantes da oficina, onde 55 eram do gênero feminino e 70 do gênero masculino, realizada no ano de 2017, e na medida em que os desenhos foram elaborados e apresentados individualmente, observamos o desconhecimento sobre si e seu corpo.

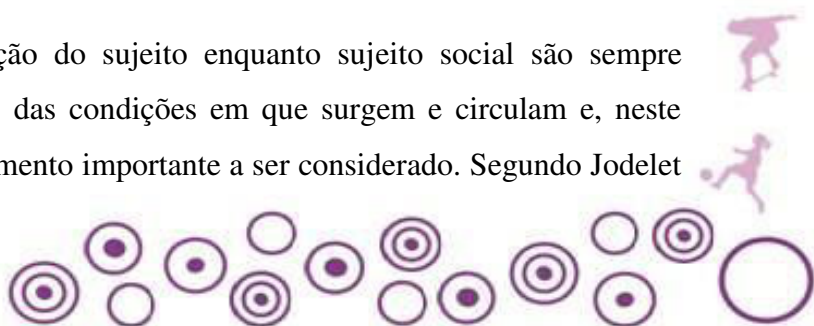
A representação social como forma de conhecimento


É importante recorrer ao vernáculo como ponto de partida para entendermos as representações sociais como uma teoria do conhecimento. Com exceção do sentido jurídico do termo, o Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975) define representação como o “conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”; é, em resumo, a “reprodução daquilo que se pensa” (FERREIRA, 1975). Aqui utilizaremos a representação social como forma de apreensão da realidade, pois percebemos que a ênfase se situa na natureza do conhecimento e na possibilidade da apreensão da realidade e, uma vez que sendo definidas como formas de conhecimento prático, as representações sociais inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum, provocando uma ruptura com as vertentes clássicas das teorias do conhecimento, que abordam o conhecimento como saber formalizado.

O termo ‘Representação Social’ (RS) foi cunhado por Moscovici em 1961 e se constituiu numa teoria sobre a produção dos saberes sociais, especialmente dirigida aos saberes que se produzem no cotidiano e que pertencem ao mundo vivido (JOVCHELOVITCH, 1998).

As representações sociais são modalidades de conhecimentos práticos, orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Constituem-se, portanto, formas de conhecimento que se manifestam como elementos cognitivos - imagens, conceitos, categorias, teorias -, mas que não se reduzem jamais aos componentes cognitivos. Sendo socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, que possibilita a comunicação. Deste modo, as representações são, essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir do seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do seu contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam (JODELET, 1985).

A representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social são sempre construções contextualizadas e produtos das condições em que surgem e circulam e, neste contexto, a exteriorização afeto é um elemento importante a ser considerado. Segundo Jodelet





(1989a), as representações sociais “devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm”. Ao abrir espaço para a subjetividade, o estudo das representações traz para o centro da discussão a questão do afeto, pois elas não são meras expressões cognitivas, mas permeadas, também, pelo afeto.

Educação sexual e sexualidade


Ao adentrarmos no universo complexo e político das escolas nos deparamos com saberes e representações que são muito peculiares para o universo dos alunos, tendo em vista que cada aluno possui diferentes saberes e representações quando relacionado à sexualidade. Considerando que os alunos da EFA, residem em áreas de assentamentos e reassentamentos rurais, comunidades quilombolas e comunidades tradicionais rurais, a construção do conhecimento acerca de sexualidade, que ao nosso entendimento deveria acontecer primeiramente no seio familiar não acontece e a esse fator consideramos o desconhecimento dos seus integrantes familiares, processos de repressão, tabus pessoais e religiosos existentes. Nesse sentido a escola acaba assumindo esse papel/função de orientar quanto ao cuidado de si e elaborar estratégias educativas para minimizar as incidências de gravidez na adolescência, violência sexual e ITS's e etc.

Nessa perspectiva do papel da família e da escola na educação sexual formal Cruz (2010) corrobora afirmando que a “família constitui o contexto primário da educação, passo a passo, a escola possibilita o segundo ensaio de vida social”. Aqui e ali lidamos com tarefas com que nos confrontamos quotidianamente, e é através dessas interações família/escola que fazemos amizades e nesses nichos aconchegados, observam-se tendências amorosas e sexuais.

Louro (2007) chama a atenção para a forma com que os educadores encaram a discussão da sexualidade, pois muitos pensam que se deixar de tratar desses problemas a sexualidade ficará fora da escola. A escola não reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas ela própria as produz. Os indivíduos aprendem desde muito cedo a reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso através de estratégias muito difíceis de reconhecer.

E ainda, a forma como os alunos do sexo feminino e masculino manifestam suas dúvidas e desejos a respeito de sexualidade, doenças, métodos contraceptivos e preventivos são diferenciados.





A partir do esclarecimento proposto e analisando os desenhos dos 125 alunos realizados na oficina sobre sexualidade na EFA, nos deparamos com diferentes situações e questionamentos sobre a importância da escola facultar a temática sexualidade e educação sexual, no seu cotidiano.

Para a Organização Mundial de Saúde (2001), a sexualidade “é um aspecto central do ser humano ao longo da vida e inclui o sexo, gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução”. A sexualidade é experienciada e se expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações.

Mas nem sempre a sexualidade é expressa ou vivenciada em todas as suas dimensões, pois existem vários fatores que influenciam a sexualidade e, dentre eles, destacamos a interação existente entre o fator biológico, psicossocial, econômico, político e religioso.

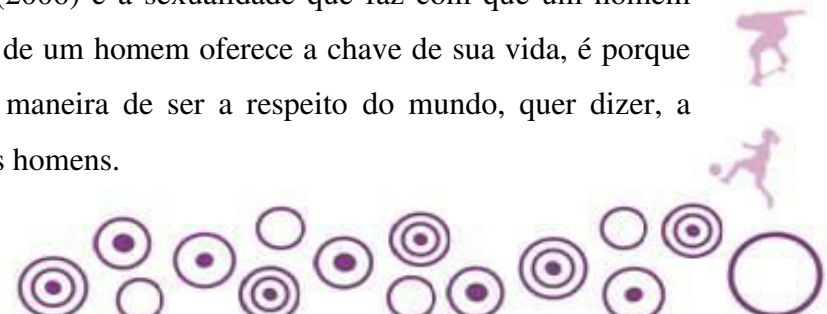
No primeiro momento, ao analisarmos os saberes e representação sobre sexualidade dos alunos nos desenhos, os dados foram controversos, pois as sexualidades representadas nos desenhos possuíam caráter de ato sexual e as representações dos órgãos genitais tornaram-se opostos aos gêneros: meninos desenharam órgãos genitais femininos e meninas os órgãos genitais masculinos, o que nos faz pensar que uma grande parcela dos alunos não reconhece ou entende as dimensões da sexualidade, sua constituição e construção social. Ou ainda que os órgãos genitais masculinos desenhados apresentavam-se em estado de ereção seguido de ejaculação, ou ainda no ato de masturbação.


De Lauretis (1986 apud Louro 2003), lembra que o próprio "significado da diferença sexual" é colocado em termos de oposição (natureza ou cultura, biologia ou socialização), o que é um modo de compreensão que está muito próximo da conhecida expressão "anatomia-destino".

Na representação dos desenhos existe uma dicotomia, ou seja, a lógica estabelecida pela relação de poder entre o masculino- feminino, os desenhos demonstram a oposição entre o polo dominante e o polo dominado.

Ou ainda, de acordo com Nogueira (2010), referir-se a meninos e meninas ou homens e mulheres sempre na forma masculina favorece uma superioridade de um gênero sobre o outro.

De acordo com Merleau-Ponty (2006) é a sexualidade que faz com que um homem tenha uma história. Se a história sexual de um homem oferece a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem projeta sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens.





Essa afirmativa nos remete ao pensamento do quão importante é esclarecer a respeito da sexualidade durante o período escolar, para que em futuro próximo as pessoas possam compreender quem elas são e o que serão em uma construção de identidade.

No segundo momento da análise, referente ao corpo humano enquanto representação e construção social, os órgãos genitais foram à representação do corpo humano em sua totalidade. Nesse sentido o corpo resume-se apenas aos genitais, esquecendo-se que pensar no corpo é uma totalidade que inclui essência, sentimento, construção social e individual ou algo indivisível, mas mesmo que desenhados por alunos do sexo oposto, o pênis obteve a dimensão do corpo.

Após a construção dos desenhos individuais e de forma livre, no momento das apresentações, evidenciou-se o desconhecimento sobre as partes que compõem os órgãos genitais, pois para os que desenharam o pênis, todos os órgãos anexos resumem-se ao pênis.

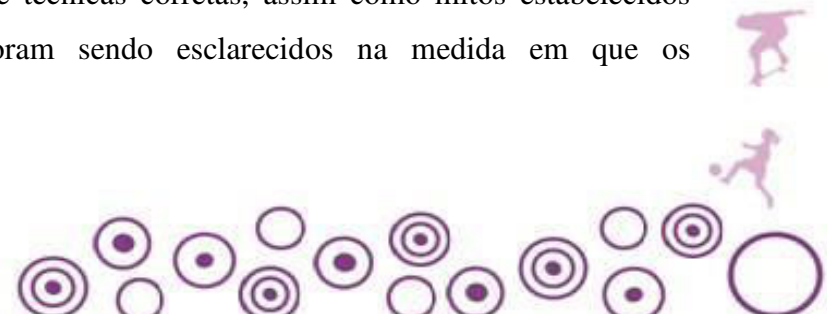
Após as demonstrações e construções dos desenhos, começamos a esclarecer e relacionar as funções dos órgãos genitais masculinos e feminino, e que os órgãos genitais não representavam o corpo na sua totalidade, mas que o corpo é, em suma, uma totalidade.


Merleau-Ponty (2006) menciona que o corpo transforma as ideias em coisas, minha mímica do sono em sono efetivo. Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade. Ele secunda seu duplo movimento de sístole e de diástole.

No terceiro momento da análise, as infecções transmitidas sexualmente corresponderam quase por unanimidade ao órgão genital masculino, seguido pela Gonorreia como ITS, e com isso o método preventivo e contraceptivo desenhado foi o preservativo masculino “camisinha”. A abordagem referente ao preservativo feminino esteve presente em apenas dois desenhos, fato esse que nos remete ao desconhecimento e ou aceitação desse método, tendo em vista que uma grande parcela dos alunos residem em áreas onde a saúde pública é precária, quando não ausente.

O tema das ITS's é considerado como um tema de saúde pública e sua abordagem encontra-se restrita apenas sobre o modo de transmissão e o tratamento nessas localidades e também na escola, dificultando assim a assimilação e compreensão sobre sinais e sintomas, e a importância da higiene íntima e pessoal.

Em relação ao uso correto do preservativo masculino, os alunos em geral apresentaram dificuldades em seguir as orientações e técnicas corretas, assim como mitos estabelecidos culturalmente sobre esse método, foram sendo esclarecidos na medida em que os questionamentos tornarem-se evidentes.





Neste caso, as dúvidas existentes foram sendo respondidas no decorrer da oficina, à medida que as apresentações aconteciam.

Ainda, de acordo com Oliveira e colaboradores (2009), muitos jovens identificam que a prevenção é um elemento importante na prática sexual, entretanto, abdicam dela a partir do momento que sentem confiança no parceiro. E essa afirmativa tornou-se evidente, quando observamos os casos de gravidez entre as alunas da escola, e o número de filhos.

Concluindo nossa análise, tornou-se evidente nos desenhos e nas apresentações dos alunos, o uso das “garrafadas” como método de tratamento regional e local para algumas das ITS’s. Ficando evidente que a adesão ao tratamento disponível na saúde pública não seria tão viável, por dois motivos: o primeiro pela ausência de unidades de saúde em algumas localidades, e o segundo pelo estigma de procurar a unidade de saúde para tratamento e diagnóstico, pois conforme relatos verbais dos alunos algumas localidades onde residem possuem poucos habitantes, isso se tornaria público e constrangedor, somando-se a esse cenário, a repressão.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CÉSAR, M. R. de A. **Da escola disciplinar à pedagogia do controle**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Unicamp, 2004.

CRUZ, J, M, ZAMITH. **Sexualidade e educação Ciência, História, Mito e Arte**. Execução Gráfica Minhografe – Artes Gráficas, Ltda. Braga (2010).

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

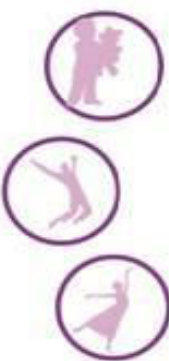
FOUCAULT, M.. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a11.pdf>. Acesso em: 05/04/2010.

JODELET, D. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: **Psicologia Social** (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos, 1985.

JODELET, D. **Les Représentations Sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.





JOVCHELOVITCH, S. Representações Sociais: para uma fenomenologia dos saberes sociais. **Psicologia e Sociedade**, v. 10, n. 1, p. 54-68, 1998.

Louro. G, L. **Gênero, sexualidade e educação**. 5ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MOSCOVICI, S. **Sociedade contranatura**. Lisboa: Teorema/Bertrand, 1977.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006,

NOGUEIRA. D, M. Gênero e sexualidade na educação. Anais **do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**, ISSN 2177-8248, Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.

OLIVEIRA, D. C. de; PORTES, A. P. M. de; GOMES, A. M. T.; RIBEIRO, M. C. M. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. **Anna Nery**, v.13, n. 4, p.833-841; 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE. **Relatório Mundial da Saúde - Saúde Mental: Nova concepção, nova esperança**. Lisboa: Direção Geral da Saúde, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAUDE. **Growing in Confidence: Programming for Adolescent health and Development – Lessons from eight countries**. Department of Child and Adolescent Health and Development, 2002.

PONTES. A. F. **Sexualidade: vamos conversar sobre isso? Promoção do Desenvolvimento Psicosssexual na Adolescência: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção em Meio Escolar**. Tese de Doutorado Ciências de Saúde Mental, submetida ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto (2010).





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

